

## **O corpo belo: novas alquimias midiáticas, tecnológicas e econômicas**

Verônica Pacheco de Oliveira Azeredo  
Universidade Federal de Ouro Preto-MG  
Centro Universitário do Leste de Minas Gerais-UnilesteMG  
vazeredo.21@gmail.com

### **Resumo:**

O objetivo deste artigo é tentar discutir do corpo na contemporaneidade e sua modificabilidade decorrentes das intervenções midiáticas, tecnológicas e econômicas. Ao mesmo tempo procura analisar o corpo e o sentido de realidade pelo viés nietzschiano e como a supervalorização do corpo, a aparência e os prazeres imediatos em detrimento dos valores éticos, estéticos e das atividades intelectuais parecem ter desencadeado a desvalorização e a banalização corporal.

**Palavras chaves:** mídia, tecnologia, corpo, modificabilidade, pensamento nietzschiano.

## **The Beautiful Body: New Media, Technological And Economic Alchemies**

### **Abstract:**

The objective of this paper is to discuss the body in contemporary times and their changeability arising from media, technological and economic interventions. At the same time it seeks to examine the body and the sense of reality by Nietzschean bias and how body overvaluation, appearance and immediate pleasures at the expense of ethical, aesthetic and intellectual activities appear to have triggered the body devaluation and trivialization.

**Keywords:** media, technology, body, modifiability, Nietzschean thought.

## **1. O culto ao corpo**

A mídia, a ciência e a tecnologia têm propiciado o culto ao corpo e a disposição para modificá-lo, moldá-lo por meio de dieta, musculação, piercing, tatuagem, cosmético, prótese e cirurgia plástica. Dados publicados pelo jornal “Zero Hora” no dia 10 de março de 2012 revelam que o Brasil permanece em segundo lugar na realização de cirurgias plásticas entre os 25 países que mais realizam cirurgias plásticas, perdendo apenas para os Estados Unidos. Os números demonstram a constante obsessão dos brasileiros pela beleza. Na maioria das vezes, eles se preocupam e investem mais para obter um corpo perfeito que na própria saúde.

Segundo a Sociedade Brasileira<sup>1</sup> de Cirurgia Plástica, em 2011 foram realizadas 905.124<sup>2</sup> mil cirurgias plásticas, 67% delas para fins estéticos. As mulheres fizeram 70% das intervenções, sendo que os adolescentes respondem hoje por 15% da clientela. A lipoaspiração é o procedimento mais procurado no país, seguido das intervenções nas mamas e das modificações na face (olhos, nariz, lábios e outros).

Questionamentos são fomentados: o que leva a pessoa a modificar seu corpo? O que se esconde nesse corpo idealizado? Esse comportamento está desvinculado de interesse ou segue uma lógica estabelecida pelo sistema? O que se revela no culto ao corpo? O que se esconde no corpo conceituado belo? Por que as pessoas expõem seu corpo? O que existe entre o estético, o ético e o econômico? A questão estética corresponde ao meio social? A modificabilidade do corpo é uma forma de aceitação ou negação?

---

<sup>1</sup> Informações recolhidas do trabalho de Givanildes Xavier dos Santos: Na sala de espelhos, a mídia reflete as doenças da beleza: análise de discurso nas revistas “Veja” e “Época” sobre os transtornos alimentares anorexia e bulimia. [www.comunicasaude.com.br/Artigo](http://www.comunicasaude.com.br/Artigo) em 05/02/2008.

<sup>2</sup> Dados extraídos da matéria publicada na Folha de São Paulo e registrada no site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica <http://www2.cirurgioplastica.org.br/materia-folha-de-sao-paulo/> em 01/2013.

Para tentar responder aos questionamentos é imperioso seguir algumas pistas, como investigar o corpo e o locus no qual o sujeito está inserido. Do mesmo modo, é preciso entender as questões éticas, estéticas e o feixe de relações estabelecidas pelo homem contemporâneo com seu espaço cultural. Não obstante, é essencial esclarecer que não é plausível uma investigação linear em decorrência da impossibilidade de apreender o corpo em sua totalidade. O corpo possui realidade multifacetada e, sobretudo, é um “objeto” histórico. No entanto, os limites não interrompem a tentativa de penetrar no universo do processo constituinte do corpo eficaz, belo, jovem e saudável. De tentar descortinar o culto contemporâneo ao corpo e fazer emergir as relações e as oposições existentes.

### **1.1 A banalização do corpo**

No corpo que se vai gravando a história da cultura, a que o sujeito pertence, o homem é moldado para integrar a um grupo desde o seu nascimento, com regras éticas e estéticas instituídas. Em um dado espaço-tempo histórico, a cultura exige que as mulheres de determinado grupo social sejam gordas, em outro momento, que sejam muito magras, estabelece-se um ideal de lábios enormes, seios grandes, cinturas finas entre inúmeras e variáveis regras a serem seguidas. A construção da identidade passa fundamentalmente pelo corpo, a concepção de sujeito, está intimamente interligada com a presença do Outro (inicialmente representado pela mãe, depois o pai, familiares, grupo social, religioso, a cultura). Deste modo, o corpo na sua individualidade, reflete a identidade que viu nascer nas entrelinhas do discurso do Outro, no reflexo do olhar alheio. A formação da identidade reflete a introjeção do Outro como máscara que foi apropriada. O corpo é, ao mesmo tempo, aquilo que o Outro vê de mim e aquilo que estou mostrando a este.

Portanto, percebe-se que a maneira de lidar com sua corporalidade, os regulamentos e o controle do comportamento corporal, e de sua identidade sucede por meio da construção social, como resultado do processo histórico. Desde os povos primitivos, as máscaras são utilizadas em rituais, e o homem ocidental contemporâneo, com a intervenção das tecnologias e os apelos midiáticos

**O corpo belo: novas alquimias  
midiáticas, tecnológicas e econômicas**

também se utiliza das dissimulações. As intervenções atuais deixam a impressão de que os corpos não têm mais a obrigatoriedade de seguirem as origens culturais, morais, religiosas e genéticas. Paradoxalmente, na liberdade da modificabilidade existe o controle do corpo, na medida em que incide a possibilidade de intervir e transformá-lo naquilo que se deseja, desobrigando-o a permanecer conforme a natureza.

Percebe-se que o corpo do homem ocidental contemporâneo se utiliza de máscaras que seguem um parâmetro estabelecido. As máscaras “obedecem” ao gênero, classe social, profissão e idade. Embora, pode-se destacar que principalmente a idade, é cada vez mais dissimulada por meio da cor dos cabelos, plásticas, cosméticos, atividades físicas, na busca de retardar o envelhecimento e seguir um protótipo de beleza instituído. É possível que a procura pela “pedra filosofal” para se obter o elixir da longa vida, tenha se transformado em novas “alquimias” midiáticas e econômicas. Permitindo, novamente revelar as marcas de um tempo que nos deixa a impressão de que se é ilícito envelhecer, conseqüentemente, inaceitável morrer.

Campelo<sup>3</sup> avalia que o rosto do homem ocidental é a parte do corpo mais visada, e ao mesmo tempo, consentida pela cultura. Embora a face seja a parte que mais facilmente se demonstra as emoções, há também o estranhamento e a multiplicidade escondida na pretensa identidade no rosto de cada um.

Para os homens ocidentais, o rosto é a parte do corpo mais permitida para ser mostrada; sendo sobre o rosto que as interdições aparentemente atuam menos, no sentido de que é uma área para ser exibida, e por isso mesmo o rosto é uma área absolutamente demarcada pela cultura. Há tipos de olhares, assim como movimentos da boca ao sorrir, proibidos em determinadas ocasiões. Há um

---

<sup>3</sup> Cleide Riva Campelo: *Cal(e)indoscorpos: um estudo semiótico do corpo e seus códigos*, São Paulo, 1997.

jeito apropriado para o rosto se comportar em cada situação: não se ri, não se derruba lágrimas, não se boceja impunemente.<sup>4</sup>

Com a atual capacidade técnica e a disposição para a transformação, o rosto pode ser mais manipulado e com maior dificuldade é reconhecida a identidade. A família, a cultura, o grupo profissional possivelmente revelam mais facilmente a identificação que o próprio corpo. Estes fatores ampliam a compreensão do autoconhecimento do corpo, mais que o próprio rosto. Do mesmo modo, a expressão de cada um, que é vista pelos outros, constituem uma máscara com que se camufla. Paradoxalmente, nos escondemos no corpo e é justamente neste, que estão inscritos os textos de nossa história que nos revelam.

Sant'Anna<sup>5</sup> afirma que o corpo é território biológico e simbólico onde ocorre o campo de forças que permanentemente inquieta, conforta e se confronta. O corpo guarda em si o traço da memória de vida: "Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, mas ao mesmo tempo, escondê-lo."<sup>6</sup> Decorre daí que o corpo é familiar e concreto em determinado momento e, em outros, desconhecido e abstrato.

Contudo se possuímos marcas culturais, se nos revelamos e escondemos no corpo, qual é o motivo que leva o homem contemporâneo pela busca da transformação? O que o leva a liberar seus vínculos com o passado? Seria consequência do mecanismo de comunicação que traz consigo um apelo permanente ao novo? Seria a tentativa de independência religiosa, estética, ética e genética? Tais comportamentos e intervenções escondem a fluidez das relações e valores?

---

<sup>4</sup> Este livro é resultado de uma dissertação de mestrado onde a autora utiliza-se do corpo como texto. Campelo, Cleide Riva: *Ibidem.*, p. 69.

<sup>5</sup> In: Carmen Soares (Org.): *Corpo e História*, Campinas, Autores Associados, 2001.

<sup>6</sup> *Ibidem.*, p. 3.

**O corpo belo: novas alquimias  
midiáticas, tecnológicas e econômicas**

A tentativa de conhecer o corpo e a ambição de controlá-lo configura o interesse humano. Possivelmente esboça uma investigação da própria superação do conhecimento, não obstante a ciência e a tecnologia se deparam com os limites, sejam técnicos, científicos, morais e estéticos. Sant'Anna<sup>7</sup> suscita a hipótese de possíveis movimentos e ações balizadoras do corpo. Dentre elas estaria o corpo como o último território a ser explorado, em decorrência das instâncias que impeliu o homem a explorar oceanos, montanhas, florestas, e realizar viagens espaciais. Se existe o sonho de ser o “mestre e o possuidor” da natureza, o corpo e seu interior, segundo a autora, seria o “(...)último território a ser explorado. É quando decodificar o genoma humano adquire ares de uma grande aventura de descobrimento”.<sup>8</sup>

A união entre a genética e a técnica é explorada pela autora em perspectivas variadas, entre elas o prolongamento e a melhoria de qualidade de vida. Por conseguinte, ressalta que este desenvolvimento resultou em interesses comerciais “(...)e quanto mais partes do corpo tornam-se ‘materiais de exploração e investigação’, menos o corpo é preservado dos interesses e ações comerciais”.<sup>9</sup> O corpo seria portanto objeto de estudo e de superação do conhecimento. Ao mesmo tempo, área que adentra o mundo do consumo, para a exploração econômica. Novas inquietações afloram: Os limites do certo e do errado, natural e artificial tornaram-se mais flexíveis com o avanço midiático, científico e tecnológico?

Outra conjectura é apresentada por Sant'Annan,<sup>10</sup> é a de que o corpo é a exclusiva posse e o território do homem, sendo por conseguinte, o exercício da liberdade individual. Decorre daí que o corpo é escolhido como o lugar de explorações e experiências, uma vez que é a última posse que lhe resta. Se vivermos em uma cultura na qual as pessoas são reconhecidas por aquilo que possuem e que conseguem acessar, seria, segundo a autora, uma riqueza

---

<sup>7</sup> *Ibidem.*

<sup>8</sup> *Ibidem.*, p. 18

<sup>9</sup> *Ibidem.*, p. 19

<sup>10</sup> *Ibidem.*

invejável, ter o corpo e suas senhas. “É preciso acreditar que o corpo que ‘se tem’ é de fato totalmente possuído por seu proprietário, completamente disponível diante de suas vontades e sonhos”.<sup>11</sup> O controle, ou a ideia de posse levanta inquietação, visto que a distância entre o que se quer e o que realmente o corpo é pode impelir o homem ao desgoverno e ao sofrimento.

É imperioso reconhecer que além dos pressupostos contemplados, há também a perspectiva apontada por Sant’Anna que seria o corpo a âncora para a manifestação do melhor de si. O eixo de seu pensamento assinala para um dado importante que é exploração frequente em programas<sup>12</sup> e propagandas televisivas explorando esta idealização imagética do corpo. Ao mesmo tempo, revistas, folhetos e outdoors reforçam esta opinião. A tendência atual, ao contrário da imagem construída por Platão<sup>13</sup>, é de

---

<sup>11</sup> *Ibidem.*, p. 19.

<sup>12</sup> No livro *Cal(e)idoscorpos*, Campelo por meio de suas pesquisas demonstra os corpos “produzidos” pela televisão. A autora relata as diferenças encontradas pelos apresentadores e o público a ser atingido. Assim desde a postura corporal até as roupas são a priori estudadas para serem apresentados ao público. “O corpo da publicidade na TV e o corpo da telenovela são semelhantes nos diferentes canais e horários: é o corpo dos deuses do Olimpo. Deuses gregos mesmo: nada dos orixás do Candomblé (nenhuma sensual Iansã, nenhum Ogum viril, nenhuma Oxum-princesa, nada de teogonia tupi; quem reina quase absoluto é o ideário do Olimpo grego(...)) As mulheres são quase que descorporificada de matéria-corpo: não é o músculo que importa, não é a força sensual, não é a ginga. A atração é o cabelo loiro, os olhos claros, a imaterialidade física que os contos de fadas europeus registram como sendo atributos de delicadeza, da bondade (...).” Cleide Riva Campelo: *Cal(e)idoscorpos: um estudo semiótico do corpo e seus códigos*, São Paulo, 1997, p. 83.

<sup>13</sup> A compreensão do corpo no Ocidente passa pela conceituação cuja origem está no pensamento socrático-platônico, segundo o qual o corpo é considerado parte inferior do homem em relação à alma. Demonstrando que este menospreza o corpo e valoriza a alma. No diálogo “Fédon” é discutida a relação entre o corpo e alma. Para Sócrates<sup>13</sup>, o corpo é um meio que possibilita a alma se materializar, uma vez que esta depende daquele para se expressar. Após a morte o corpo fenece e a alma permanece, pois é imortal, é libertada e continua sua existência. O corpo, ao contrário, é totalmente dependente da alma, sua existência só é possível porque ela existe. Fédon foi escrito no século IV, e como ateniense, Platão encontrava-se decepcionado com sua cidade. Mário Ferro e Manuel Tavares: *Análise das obras Górgias e Fédon de Platão*, Lisboa, Perspectiva, 1999, p. 18.

**O corpo belo: novas alquimias  
midiáticas, tecnológicas e econômicas**

aproximar o corpo como o mais conexo da identidade de um ser. Nesse caso, a alma perde espaço, o corpo torna-se um ente superior à alma.

Sant'Anna<sup>14</sup> ressalta o fato de que a modificação da aparência pode apagar traços das origens sociais, da idade, mas torna-se difícil resistir aos apelos da indústria cosmética e das cirurgias plásticas. Pois estar em harmonia com a moda ou para se sentir bem e consentir que o corpo continue a corresponder ao que cada um deseja mostrar de si, representa a garantia de participação e respeito no espaço social. Além do mais, quando o corpo é considerado não mais como morada da alma, mas como a expressão mais autêntica e real, é nele que se depositam todas as forças.

Finalmente, Sant'Anna suspeita de que o corpo pode ser utilizado como forma de protesto, onde este se torna a tela da arte. Essas intervenções iniciaram-se com maior evidência a partir da década de 60 e alteraram-se nas décadas seguintes. O homem, por meio de diversas experiências artísticas contemporâneas, protestou, buscou o refúgio da verdade, da autenticidade.

Da denúncia de um corpo alienado migra-se para a revelação de um corpo obsoleto. Turbiná-lo, aumentar seus níveis performáticos, adaptá-lo ao uso das novas tecnologias é, desse modo, proporcional ao sonho comum na década de 1960 de retirá-lo da alienação, tornando-o mais verdadeiro e livre. Como se hoje fosse necessário sintonizar os corpos com os objetos tecnológicos e de consumo, enquanto para inúmeras sociedades antigas, era preciso sintonizar o corpo com o cosmo ou com as forças sobrenaturais.<sup>15</sup>

As metamorfoses do corpo não ocorrem exclusivamente na arte, mas também na ciência e na técnica. O corpo, ao mesmo tempo em que é valorizado e mostrado, é explorado,

---

<sup>14</sup> *Ibidem.*

<sup>15</sup> Ferro, Mário e Tavares, Manuel, *Op. Cit.*, p. 21.



violentado e banalizado. É consumido como se possuísse disponibilidade permanente à intervenção e ao consumo.

Ao nascer o homem traz as marcas de seu corpo biológico que se revela por meio da nudez. Que é comungado com todos os animais, mas rapidamente é apagado pela cultura. As roupas, ornamentos e intervenções por meio da religião, da ciência, da técnica, da ética e da estética vão conferindo ao homem sua identidade social e cultural. Cicatrizes, vacinas, cirurgias, escarificações, tatuagens, bronzeamentos, maquiagem, próteses vão delineando, demarcando e registrando a história no homem, no tempo e no espaço. Seria então o corpo do homem contemporâneo a denúncia da transitoriedade e fluidez do nosso tempo?

## **1.2 O sujeito e o corpo**

No primeiro momento, o corpo nos parece real, visível, cada um de nós é um corpo, experimentamos a dor, o prazer, a fome, a fadiga. Olhamos para nós mesmos e para as outras pessoas e vemos um corpo. Entretanto, essas certezas não são tão definitivas, pois muito do que percebemos e vivenciamos é construído socialmente. Vivemos a ambiguidade de um corpo biológico e um corpo social.

Somos nosso corpo pelo modo como a fenomenologia<sup>16</sup> nos vê, como um ser que se emociona, que percebe e se move, como fundante na relação homem-mundo. Ao mesmo tempo, somos corpo no sentido social e cultural, onde experimentamos por meio dos valores construídos culturalmente. Complementando a união fenomenológica e cultural, o corpo também está inserido às tecnologias. Tudo

---

<sup>16</sup> Segundo Merleau-Ponty, o homem é um ser no mundo e só pode ser compreendido dessa forma. O homem é ambigüidade onde estão presentes o mundo do corpo e o mundo do espírito, sendo ao mesmo tempo interioridade e exterioridade, sujeito e objeto, corpo e espírito, natureza e cultura. “(...) tenho consciência do meu corpo através do mundo (...) tenho consciência do mundo devido ao meu corpo (...)” Maurice Merleau-Ponty: *Fenomenologia da Percepção*, 1971, p. 95.

**O corpo belo: novas alquimias  
midiáticas, tecnológicas e econômicas**

isso retira a certeza da autoimagem e coloca a inquietação diante da multiplicidade de ângulos e de transformações.

No cartesianismo, a noção de sujeito e subjetividade, isto é, a existência do sujeito é originada do pensamento.<sup>17</sup> Descartes separa o sujeito e o objeto: o corpo é objeto da natureza como qualquer outro e a substância imaterial da mente pensante é a consciência, a alma é definidora do eu. Dessa forma, o corpo está excluído. A identidade do sujeito reflexivo, racional e senhor do pensamento e da ação foi fundamental na modernidade filosófica. O sujeito cartesiano supõe a universalização e indivisibilidade: o sujeito é o sujeito. E paradoxalmente, o corpo é retirado deste:

O sujeito é também uma figura de individualização na medida em que só pode se expressar por meio de corpos e rostos. O sujeito só existe em seus efeitos, na subtração de seus efeitos; sem um corpo ou um rosto através dos quais passar, o sujeito não pode cumprir sua função universalizante. Daí a complementariedade e o paradoxo: o sujeito exige a individualização a fim de expressar a universalização; mas existe sempre o risco de que o olhar e o reconhecimento se apeguem ao corpo, se alijem na carne, se fixem no rosto e submerjam no fluido. Em suma, o tecido

---

<sup>17</sup> Descartes cria o dualismo entre mente e corpo entendidos por ele como substâncias. Por mente podemos entender pensamento, espírito, alma, chamado pelo filósofo de *res cogitans*, que formaria um mundo distinto do da *res extensa* que seria o corpo. O homem assume o lugar privilegiado, a verdade está em seu “interior”, ele é a substância pensante. No *Discurso do Método* o filósofo chega ao entendimento da dúvida metódica e conclui que pode duvidar de tudo, menos de que duvida. Logo, toda dúvida é uma espécie de pensamento e, para poder pensar, é preciso existir. Decorre daí sua famosa proposição: Penso, logo existo (‘Cogito ergo sum’). Se ele é um ser que existe, surge a indagação: quem sou eu? O que é este ser que existe? E afirma, sou uma coisa que pensa, ou seja, uma coisa que para saber que existe precisa pensar, pensar o seu próprio pensamento. (René Descartes: *Discurso do método*, São Paulo, Nova Cultural, 1999.) O filósofo identifica então, o eu à alma que é a causa do pensar. Desta forma, a alma seria uma substância totalmente distinta do corpo.

material do corpo pode frustrar a passagem em direção ao lugar do sujeito universal e abstrato.<sup>18</sup>

A contradição entre sujeito e corpo demonstra que o corpo era compreendido como um fantasma do sujeito, onde os corpos serviam apenas como individualização. Mas no final do século XIX tal conceito e entendimento começam a ruir e a crise da subjetividade, do sujeito universal, estável, instala-se. Santarella<sup>19</sup> considera que o sujeito cartesiano está em questão, essencialmente é examinada a possibilidade de um sujeito sem corpo. No lugar do “sujeito” e do “eu” multiplicam-se novas imagens de subjetividade. “Fala-se de subjetividade distribuída, socialmente construída, dialógica, descentrada, múltipla, nômade, situada, fala-se de subjetividade inscrita na superfície do corpo, produzida pela linguagem, etc.”<sup>20</sup> É retirado do ‘sujeito’ sua identidade social, e, ao mesmo tempo, é reconhecida a possibilidade de transformação e de criação.

Nietzsche rejeita a unidade do sujeito fundada na unidade da consciência. O filósofo questiona a concepção de linguagem como adequação, caracterizando-a como um hábito, uma tendência a imaginar e criar semelhanças, formado pelo uso constante e repetido das mesmas designações. A linguagem surge em decorrência da necessidade que o homem teve de se comunicar. Linguagem e consciência ocorrem juntas, o pensamento consciente se transformou em palavras, em signos de comunicação.

No pensamento nietzschiano<sup>21</sup>, este “eu” de que nós falamos é uma ficção, uma ficção linguística, ao falar “eu” nós operamos uma síntese, dessa forma é o conceito sintético que gera a ilusão de uma unidade. Quando dizemos “eu penso”, não verificamos nenhum fato, o que estamos fazendo é uma interpretação, tomamos um processo mental, que descrevemos como pensamento e

---

<sup>18</sup> DOEL, 2001, p. 77-110.

<sup>19</sup> Lúcia Santarela: *Corpo e Comunicação: sintoma de cultura*, São Paulo, 2004.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 118.

<sup>21</sup> Nietzsche. AFZ.. *Dos que desprezam o corpo*, Rio de Janeiro, Tecnoprint, SD, p. 48.

**O corpo belo: novas alquimias  
midiáticas, tecnológicas e econômicas**

atribuímos esse estado mental a um sujeito como se esse pensamento fosse predicado desse sujeito. Isto é, dizemos que o sujeito “eu” é autor e causa do pensamento. A proposição “eu penso”, não é um fato, não é expressão de um fato, sobretudo, não é uma “certeza imediata”, mas ela é uma interpretação de um processo psíquico. Assim sendo, o “eu penso” não é a simples descrição de um fato objetivo, puro, não é nenhuma certeza imediata, mas é o resultado de uma interpretação; que se procura pelo sujeito da ação verbal.

Contra-pondo-se a Descartes<sup>22</sup>, Nietzsche<sup>23</sup> considera que experimentamos a nós mesmos é como qualquer outro objeto. Não possuímos uma percepção diferenciada de nós mesmos, conseqüentemente, essa experiência é como a apreendemos e não é o nosso “eu” a “coisa em si”.

O pensamento nietzschiano é ratificado no comportamento do homem contemporâneo e sua relação com o corpo. No lugar do “eu” universal é evidenciada a multiplicidade, onde os processos do ser humano ultrapassam a pele, sem necessidade de se recorrer à imagem de um sujeito autônomo. Aqui as condições de possibilidade do pensamento são fisiológicas, isto é, por trás da consciência encontra-se o poder desconhecido dos sentidos, das paixões, das pulsões. Nietzsche aponta que a consciência se dá na relação não autoconsciente e não auto-dominadora de um eu e um corpo.<sup>24</sup> Somente a

---

<sup>22</sup> Em Descartes o homem passa a assumir um lugar privilegiado, pois a verdade estaria em seu “interior”, ele seria a substância pensante, logo, seria o agente que anuncia uma verdade universal.

<sup>23</sup> Nietzsche rejeita a respeito da unidade do sujeito fundada na unidade da consciência. O filósofo questiona a concepção de linguagem como adequação, caracterizando-a como um hábito, uma tendência a imaginar e criar semelhanças, formado pelo uso constante e repetido das mesmas designações. A linguagem surge em decorrência da necessidade que o homem teve de se comunicar. Linguagem e consciência ocorrem juntas, o pensamento consciente se transformou em palavras, em signos de comunicação.

<sup>24</sup> Nietzsche no fundo quer dizer o seguinte: se você observa a fisiologia e a zoologia verá que o problema da consciência é, na verdade, um problema simplesmente superficial. Ou seja, que aquilo que define o essencial do sujeito não é, como pretendia a tradição filosófica, a sua capacidade de tomar-consciência-de-si, mas a consciência precisamente

conceituação de um “eu pensante” e do “livre arbítrio” permitiu que se imaginasse o sujeito e a racionalidade desvinculados do corpo e do espaço social.

Para Santarella<sup>25</sup>, o problema passa a ser a cadeia de conexões entre humanos, artefatos técnicos e os dispositivos de ação e pensamento. Os sujeitos se transformam na medida em que expandem suas conexões. Não existindo deste modo, uma universalização do “eu” e a garantia da identidade originada desse eu. É na corporeidade que se busca a base para uma teoria da subjetivação, afinal, os seres humanos passam a ser entendidos como corporificados e não apenas criaturas da razão.

O homem, como ser corporificado passa a ser livre, e com maior autonomia para intervir e modificar este corpo, mas esta liberdade possui consequências que Sant’Anna<sup>26</sup> adverte: “Pois as liberdades adquiridas pelo corpo implicam necessariamente em novas responsabilidades assumidas. As formas de controle sobre o corpo, criadas com o apoio técnico e científico, ocorrem de modo paralelo à descoberta de novas coações a serem vividas (...)”<sup>27</sup>

Essa consideração é um alerta para as intervenções que o corpo recebe, como se não houvesse interferências e

---

é um fenômeno secundário. O problema do ter-consciência, é precisamente aquilo que se constitui como problema. Ou seja, por que é que nós tomamos consciência de nós mesmos, em que medida isto é importante, tanto mais quanto nós podemos perfeitamente bem passar sem isso. Então, a fisiologia e a zoologia aqui, na verdade, simplesmente comprovam aquilo que Leibniz já tinha dito. Ou seja, que a consciência não é o essencial do sujeito, da subjetividade; mas a consciência é, na verdade, uma ínfima porção da subjetividade. Você pode ter vida, tanto animal quanto humana, sem que necessariamente o fenômeno da consciência-de-si tenha que se apresentar. GIACÓIA Jr., Oswaldo. Aulas sobre Nietzsche. (<http://www.rubedo.psc.br/artigosb/curniti4.htm>) em 120205.

<sup>25</sup> *Op. Cit.*

<sup>26</sup> Denise Bernuzzi Sant’Anna (Org.): *Políticas do Corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, 2005.

<sup>27</sup> *Ibidem.*, p. 18.

**O corpo belo: novas alquimias  
midiáticas, tecnológicas e econômicas**

consequências éticas, estéticas e físicas. É importante não perdermos de vista que a construção da imagem do corpo passa também pela esfera psíquica. A identidade necessita de um corpo não apenas físico, mas repleto de afetos e significados que propiciem “garantia” emocional a cada indivíduo.

A falta de definição do homem, e os procedimentos centrados no corpo e não no ser humano, podem romper com as fronteiras simbólicas. Pois a condição do homem é corporal e retirar ou acrescentar alguma coisa nesse corpo é ao mesmo tempo modificar a sua compreensão ética e estética. Visto que a passagem para outro tipo de humanidade permite novos julgamentos de valores e um olhar distinto para esse corpo. Ao mesmo tempo, é símbolo social e sua transformação afeta o vínculo com o grupo. Pensar o corpo é pensar na própria relação estabelecida entre o homem e o mundo.

Nietzsche assinala que a beleza é percebida como afirmação da efemeridade. A necessidade de se garantir a imortalidade não seria a negação da vida, do corpo? O corpo do homem contemporâneo estaria revelando o amortecimento das forças pelo afastamento dos instintos vitais? As intervenções no corpo seria uma forma de desespero, que segundo Nietzsche, ocorre pela incapacidade do homem de poder construir novos sentidos e novas avaliações que levam aos movimentos próprios da vida?

O amor próprio fica em evidência e o corpo se transforma na principal finalidade do embelezamento. A mulher bela, além de garantir um bom casamento passa a desenvolver o prazer de autoindulgência. As imagens estampadas na publicidade são de modelos magras, descontraídas, sorridentes deixando a impressão de leveza, magia e de uma vida plena de felicidade.

A pedagogia das condutas expressa pelos métodos de beleza se afina e se interioriza: cada método de beleza tende a ser considerado repressivo se ele não traz satisfações físicas, superficial se ele não responde aos desejos íntimos, pouco credível se ele não evoca a verdade singular de cada mulher. (...) A própria aparência autêntica e natural valorizada

nesta época exige, imediatamente, o conhecimento e o uso de diversos produtos.<sup>28</sup>

No discurso de aparente liberdade e autonomia está velado o interesse econômico e ideológico. Modelos de comportamentos são apresentados e impostos, embora deixando a impressão de escolha da mulher. A conduta moral e estética imposta e seguida nos remete ao comportamento de rebanho. Nietzsche assegura que o corpo não pode ser entendido de forma isolada, independente do mundo como um objeto, não obstante, deve ser tomado como constituinte do mundo e doador de sentido à realidade.

O constante apelo e consumo do corpo “belo” seria uma demonstração de enfraquecimento do corpo e despotencialização da vida? Ficamos com a impressão de que o sentido de realidade desse corpo contemporâneo está afastado dos instintos vitais, e de não ser capaz de construir novos sentidos e novas avaliações sobre os movimentos próprios da vida. Para Nietzsche, a organização em rebanho demonstra fraqueza, despotencialização da vida. Seria esse o caso da beleza “produzida em série” pela sociedade capitalista atual? A busca pela beleza também nos deixa a ideia de ser um artifício e busca de conservação da vida.

A estética e a ética não estão desvinculadas da sociedade, em cada época a cultura educa os corpos, adaptando-os para empregos distintos. O corpo é instrumento passível de uma educação cultural e de aprendizagem social. O corpo contemporâneo está cada vez mais distante da natureza e mais próximo das manipulações culturais. O cerne da questão está na compreensão de que são os homens que se encarregam de dar sentido à sua existência cabendo a eles as intervenções e a valorização ou desvalorização da vida.

---

<sup>28</sup> *Ibidem.*, p. 137.

## **2. Considerações finais**

Ao levantar os questionamentos sobre o corpo do homem contemporâneo e os temas abordados, paira um entendimento de banalização do corpo e uma relação de oposição: por um lado um profundo apego à imagem e ao culto ao corpo e, por outro lado, um desapego também exacerbado. Isso, de certa forma, proporciona distanciamento e incompreensão deste. Os apelos da mídia, da ciência, da técnica e da própria cultura têm privilegiado o prazer insaciável, o consumo alienado.

Nietzsche denuncia que a história foi marcada pela busca frustrada de vontade de verdade, de fé na racionalidade, de expectativa não realizada, de um mundo controlável e previsível. A impossibilidade de controle sobre o mundo e do conhecimento absoluto provocou no homem a sensação de impotência, de insegurança, de angústia, de aborrecimento. Como consequência, foi desenvolvido o desprezo e ressentimento por tudo que estivesse associado ao mutável e ao sensível, tal como o corpo, suas paixões e afetos.

O pensamento nietzschiano evidencia o menosprezo ao corpo e parece poder configurar o homem contemporâneo, principalmente sua relação com o corpo e o valor ético e estético. Nietzsche conceitua o niilismo<sup>29</sup> como essa recusa radical de valores e de verdades absolutas. Com a falta de

---

<sup>29</sup> O niilismo (ou nihilismo), do latim *nihil* (nada), é uma corrente filosófica que, em princípio, concebe a existência humana como desprovida de qualquer sentido. Nietzsche com a morte de Deus, divulga a profunda crise da razão na modernidade e, com sua reflexão sobre o niilismo, denuncia o esgotamento, a perda de sentido e contingência por parte dos supremos valores que até agora determinaram o curso do processo civilizatório no Ocidente. E a partir da constatação do niilismo, das categorias que promoviam valor ao mundo são colocadas em xeque, denunciando sua ineficácia, o homem é levado a experimentar a ausência de valor concedida ao mundo, o que leva Nietzsche a afirmar que “o fracasso de uma determinada interpretação de mundo equivale e confunde-se com o fracasso do próprio mundo” (AS § 408). O niilismo esbarraria na condenação da própria vida, mas no próprio horizonte de onde brotou o niilismo podemos encontrar a força para superá-lo, posto que o niilismo deixa a vida nua e o mundo se abre ao homem revelando sua inesgotabilidade.



controle sobre o mundo, a existência passa a ser vista como punição, os valores superiores se deterioram, falta um sentido para as coisas, faltam respostas para as perguntas. A modernidade e ao sacralizar a razão esclarecida e a autodeterminação distanciou-se de Deus, e em Seu lugar cultuou a verdade e a razão. A supervalorização do corpo, a aparência e os prazeres imediatos em detrimento dos valores éticos ou das atividades intelectuais não seria uma advertência de que o niilismo<sup>30</sup> ganha outra aparência em nosso tempo?

---

<sup>30</sup> Nietzsche na *Vontade de Poder*, §28, considerava que a tentativa do homem de fugir do niilismo, sem realizar uma transvaloração de todos os valores poderia desencadear outros problemas mais difíceis de serem solucionados. Portanto, a desvalorização generalizada do corpo e dos valores terrenos como ao contrário, a supervalorização reativa do prazer imediato sobre qualquer forma de esforço, são ambos semelhantes e indicadores do niilismo europeu.